



A CASA MISTERIOSA

Charles Dickens

Com a colaboração de

Wilkie Collins & Elizabeth Gaskell

2ª. Edição revista

Tradução de José Sarmento

Grotesco & Arabesco
2020

A CASA MISTERIOSA, de Charles Dickens (1812 – 1870), Wilkie Collins (1824 – 1889) e Elizabeth Gaskell (1810 – 1865).
Título original em inglês: “A House to Let”.
Série: Clássicos da Literatura Universal nº 1.
Texto em português originalmente publicado entre 13 de junho e 9 de agosto de 1900 no jornal *A Pacotilha* (São Luís/MA).
Tradução: José Sarmento (1870 – 1939).
Prefácio, atualização ortográfica e adaptação textual: Paulo Soriano.
Imagem da capa: Mystic Art Design/Pixabay, sob permissão Creative Commons CC0.
Ilustração do miolo: E. Dalziel (1817 – 1905).
Edição: *Grotesco & Arabesco*.
Segunda edição, 2020

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Todos os anos, ao aproximar-se o Natal, a nação inglesa enchia-se de ansiosa expectativa. As pessoas não viam a hora de pôr as mãos e deitar os olhos na tão longamente aguardada edição especial natalina de *Housenhold Words*, revista semanal editada por Charles Dickens.

Em 7 de dezembro de 1858, saiu do prelo o esperado folhetim e, no alto da primeira página, lia-se: *A house to let*. Ao longo das duas colunas, por mais trinta e cinco páginas, dezenas de milhares de olhos sequiosos deslizaram céleres, com avidez. Homens, mulheres e adolescentes, das mais variadas classes sociais, poderiam finalmente render-se às emoções de uma narrativa singular, cujo gênero é de difícil categorização. Não é conto. Não é novela. Talvez uma novela entremeada de contos, um deles sob a roupagem de poema.

Com um fio condutor concebido por Dickens (1812 – 1870), no qual se imiscuem narrativas autônomas, mas ligadas à personagem principal – a Casa Misteriosa –, o relato mais ou menos longo foi escrito pelo grande escritor inglês com a colaboração de três brilhantes autores conterrâneos: os romancistas Wilkie Collins (1824 – 1889) e Elizabeth Gaskell (1810 – 1865) e a poetisa Adelaide Procter (1825 – 1864).

Esse fio condutor dissemina-se ao longo de todos os capítulos e concentra-se na figura da velha e abastada senhora Sophonisba. Por recomendação médica, a solteirona provinciana vai viver em Londres, onde aluga uma confortável casa. Mas, em frente àquela nova moradia, ergue-se, desafiadoramente, um solar de terrível aparência e avançado estado de deterioração. Embora ostente uma carcomida tabuleta de "Aluga-se", a sombria vivenda jamais atraiu inquilinos e não se sabe por que motivo. Apesar do lastimável estado de abandono da casa senhorial, a velha solteirona acredita surpreender, entre as persianas encardidas da casa funesta, uns enigmáticos olhos furtivos a espioná-la. Isto intriga profundamente a respeitável anciã, que encarrega o seu fiel criado de muitíssimos anos, Trottle, e um velho admirador, Jabez Jarber, de solucionar aquele incômodo mistério. Trottle e Jarber — que se detestam — passam a competir entre si para ver quem irá conseguir satisfazer primeiro e cabalmente a curiosidade da adorada musa comum.

É do fruto das investigações desses velhos antigos rivais que se intercalam as narrativas autônomas — protagonizadas por ex-moradores da casa abandonada —, escritas por Gaskell (*O Casamento de Manchester*) e Dickens (*Uma Entrada na Sociedade*).

Na trágica história *O Casamento de Manchester*, uma visita inesperada, no meio da noite, é suscetível de arruinar a vida dos patrões da fidelíssima criada Norah, sobre a qual pesam injustas suspeitas. Envolvida num dilema angustiante, a pobre Norah, qual a aia de Eça (1845 –1900), é capaz de sacrificar-se pela felicidade de sua senhora. *Uma Entrada Na Sociedade* narra as tristes desventuras do generoso e ingênuo anão Chops, cujo grande sonho na vida consistia em deixar a lida de saltimbanco e ingressar nas altas rodas sociais londrinas.

Dickens e Collins escreveram juntos a introdução (*Do Outro Lado da rua*) e a conclusão (*A Casa é Finalmente Ocupada*) da história central. A Collins coube redigir, sozinho, o capítulo preparatório do clímax (*O Relatório de Trottle*), no qual, em meio a um tenebroso clima de suspense, assoma a triste figura de uma pequena e abandonada criatura, destinada ao infortúnio, compondo uma patética personagem que certamente comoveu milhares de corações vitorianos. A narrativa em verso (*Três Noites na Casa*), de autoria exclusiva de Procter, não integra a tradução do escritor português José Sarmento (1870 – 1939). Mas a omissão em nada compromete o fluxo da misteriosa narrativa: a imaginação fertilíssima de Dickens engendra uma trama de perfeita urdidura, em que as pontas deixadas ao longo do caminho se atam, com a perfeição de um laço triunfante, num desfecho inimaginável.

Afirmava Alexandre Dumas (1802 – 1870) que seu dileto amigo Charles Nodier (1780 – 1844), como dedicado bibliófilo, descobria obras-primas ignoradas, exumadas dos túmulos das bibliotecas. O livro que o leitor tem entre as mãos resulta de um esforço de exumar não apenas a obra de Dickens e colaboradores, mas, também, de ressuscitar a clássica tradução de *A House to Let*, decerto desconhecida do moderno público brasileiro, publicada que foi entre 13 de junho de e 9 de agosto de 1900, em folhetins, no jornal diário *A Pacotilha*, de São Luís do Maranhão, sob o título *A Casa com Escriptos.*

Porque publicada há mais de cento e quinze anos — exatamente no último ano do século XIX —, a tradução de Sarmento exigiu algumas adaptações — nos dias de hoje, no Brasil, ninguém mais chama, por exemplo, assoalho de *sobrado* —, sobretudo com vistas a alguma atualização textual e, bem assim, ao preenchimento de algumas lacunas ou imprecisões, estas comuns nas publicações folhetinescas de outrora. Mas a intervenção do adaptador animou-se pelo cuidado de, na medida de suas forças, conservar o sabor e a atmosfera da elegante tradução de Sarmento, elaborada em uma época bem mais próxima e fiel daquele imensamente aguardado 7 de dezembro de 1858.

Paulo Soriano

A CASA MISTERIOSA

DO OUTRO LADO DA RUA — **Charles Dickens e Wilkie Collins**

Fazia dez anos que eu residia em Tunbridge Wells, de onde não saía há muito tempo, quando, numa manhã, disse-me o meu médico — um homem de reconhecido saber e o mais hábil jogador que já vi de grande uíste[1], que era um nobre e principesco jogo antes do advento do pequeno uíste —, enquanto tomava-me o pulso sobre este mesmo sofá bordado por Jane, minha pobre e querida irmã, antes do terrível mal de coluna que a obrigou — logo ela, a mulher mais correta que já existiu — a ficar de cama durante quinze meses:

— O que precisamos, minha senhora, é de um estímulo.

— Bondade divina! Misericórdia celeste, doutor Towers! — respondi ao doutor, cujas últimas palavras me fizeram estremecer. — Não me venha com eufemismos. Diga-me realmente o que quer dizer.

— Quero dizer, minha senhora, que precisamos mudar de ar e de ambiente.

— Que o bom Deus o abençoe! — acrescentei. — Mas o senhor se refere a mim ou a si mesmo, já que diz *nós*?

— Eu me refiro à senhora.

— Deus o perdoe, doutor — eu disse. — Mas por que o senhor não se expressa de uma maneira simples, como deve fazer um leal súdito da nossa graciosa rainha Vitória, e um bom membro da Igreja da Inglaterra?

Towers pôs-se a rir, como costuma fazer todas as vezes que me vê com um dos meus acessos de impaciência, a que eu chamo "todos os meus estados", e prosseguiu o seu discurso:

— Sim, tudo o que a senhora precisa é de algo estimulante!

E chamou Trottle, que chegava justamente nesse momento com um braseiro cheio de carvão.

Com uma sobrecasaca preta, Trottle parecia um rapaz encantador que deitava, benevolentemente, o carvão na lareira.

Trottle — a quem eu sempre chamo de meu braço direito — é um excelente criado que entrou a meu serviço há quase trinta e dois anos, na época em que eu morava bem longe da Inglaterra. É a melhor das criaturas e o mais respeitável dos homens, mas tem o defeito de ser muito teimoso.

---

[1] Jogo de cartas muito popular na época vitoriana.

— Sim, é de um estímulo o que a senhora precisa — disse ele, acendendo habilmente a lareira, sem se apressar, como era o seu costume.

— Que o bom Deus perdoe a ambos! — exclamei, desatando a rir. — Vejo que ambos conspiravam contra mim, e que farão de mim o que lhes bem aprouver. Entra, decerto, em seus projetos levar-me a Londres para fazerem-me mudar de ambiente.

Já havia muitas semanas que Towers fazia insinuações sobre Londres e, por conseguinte, eu já estava preparada. Daí a nos entendermos não ia senão um passo, que não tardou a ser dado. Ficou decidido que Trottle partiria no dia seguinte para a capital, a fim de procurar uma casa confortável em que a minha pobre cabeça pudesse estar ao abrigo da balbúrdia de uma cidade grande.

Trottle voltou a Tunbridge Wells depois de uma ausência de dois dias, com notícias sobre um lugar encantador, que estaria disponível por seis meses, com a possibilidade de renovação nas mesmas condições, às nossas ordens, por igual período, e que contava com tudo o quanto nós precisávamos.

— Então, Trottle, não há nenhum inconveniente nos cômodos da casa que você escolheu? — perguntei-lhe.

— Não, minha senhora, nenhum. Os cômodos são perfeitamente adequados às suas necessidades. Não há qualquer inconveniente neles. Já não poderei dizer o mesmo do exterior.

— Ai! O que você quer dizer com isso?

— É que, defronte da casa, há uma *casa para alugar.*

— Então isto tem alguma importância? — eu disse, sopesando o que Trottle me dissera.

— Parece-me, minha senhora — continuou —, que é o meu dever explicar-lhe que o aspecto daquela casa é muito tristonho. E, no entanto, não fiz caso disso, porque, como a senhora me tinha dado plenos poderes, fiquei de tal modo encantado com a casa escolhida que tratei logo de alugá-la.

Trottle tinha concebido uma tão alta opinião da escolha que tinha feito que eu não queria decepcioná-lo, porque, com certeza, ele fizera as coisas no meu interesse. Portanto, disse-lhe:

— Talvez essa casa vazia seja alugada depressa.

— Oh, não creio, minha senhora! — disse ele, sacudindo a cabeça, com ar seguro. — Aquela casa não vai ser alugada. Para dizer a verdade, ela nunca encontra inquilinos.

— Deus do céu! E por quê?

— Não se sabe, minha senhora. Tudo o que posso dizer é que a casa nunca é alugada!

— E há quanto tempo, em nome da Fortuna, essa casa infortunada não é alugada? — disse-lhe.

— Oh, há um tempo infinito — disse Trottle. — Anos.

— Então, está em ruínas?

— Não, minha senhora. Está apenas um tanto deteriorada pelo tempo.

O final desta história foi que, no dia seguinte, mandei atrelar os cavalos ao carro de viagem, porque nunca me aventuro num trem — não que tenha a menor censura a fazer às linhas férreas, mas porque elas foram inventadas numa época em que eu já era muito velha para adotar esta inovação, e que sua construção reduziu a nada certos direitos de portagem que faziam parte de meus rendimentos —, depois fui eu mesma, apesar dos murmúrios de Trottle, ver a casa que ele tinha alugado e julgar o aspecto exterior da *casa para alugar*.

Como disse, fui e vi por mim mesma. A minha nova casa estava em perfeito estado. De resto, eu já esperava isto, porque Trottle sabe, melhor do que ninguém, escolher o que é confortável. Quanto à casa desabitada, o seu aspecto era desagradável. No entanto, sopesando o bom e o mau lado da coisa, comparando o bem-estar da minha casa com a aparência tristonha da casa em questão, esta objeção não pesou na balança. O meu advogado, Sr. Square, de Crown Office Row, bairro do templo, recebeu ordem de legalizar o arrendamento, mas o seu escrevente, encarregado de garatujar a escritura, borrou-a com tantas palavras ininteligíveis, com tantas frases rebuscadas, que, quando me leram aquele arrazoado, tudo que pude compreender foi a enunciação do meu nome, e isso mesmo com grande dificuldade. Depois, assinei. O meu senhorio acrescentou seu autógrafo e tudo ficou concluído. Três semanas depois, eu tinha emigrado para Londres, junto com as minhas bagagens e tudo mais que era preciso.

Durante o primeiro mês, dispus as coisas de maneira que Trottle ficasse em Tunbridge Wells, e tinha tomado essa medida não só porque deixara, ao partir, um grande número de coisas a pôr em ordem para os meus alunos e pensionistas, mas porque tinha reparos a mandar fazer numa lareira de um novo gênero, destinada a preservar a minha casa da umidade durante a minha ausência. Para esse fim, tinha-a feito instalar no vestíbulo, e sentia um verdadeiro terror de a ver barafustar no primeiro dia. Por outro lado, o meu criado, apesar de ser um modelo dos criados, e ter setenta anos, era o que se pode chamar de sedutor. Eu me explico.

Todas as vezes que uma das minhas amigas vinha visitar-me, e trazia consigo uma criada de quarto, Trottle achava-se muito disposto a mostrar a essa dama de sua classe as belezas de Tunbridge Wells logo na primeira tarde. Notei mesmo, algumas vezes, do outro lado da porta que defronta com a cadeira em que costumo sentar-me, a sombra de seu braço rodeando a cintura da criada, na forma de uma escova de limpar as migalhas de uma toalha.

Tinha, pois, resolvido, antes de deixar a Trottle um campo livre para a sua "filantropia" na grande cidade de Londres, inspecionar eu mesma os arredores, e observar de que espécie eram as mulheres que havia por ali.

Por consequência, logo que Trottle me instalou no meu novo lar, e que me achei confortavelmente, fiquei apenas com a minha criada, a boa Peggy Flobbins, moça de uma educação sem limites que, desde que eu a conhecia, nunca se tinha dado à "filantropia", e não devia provavelmente sucumbir a esse mal agora, com os vinte e nove anos que completaria em março.

Fiz o primeiro desjejum em meu novo domicílio num 5 de novembro. Descortinavam-se, através das nuvens de um nevoeiro denso e penetrante, os manequins dos Guys[2], errando aqui e ali nos ombros dos rapazes da cidade. Aqueles manequins se assemelhavam a monstros gigantescos, debatendo-se num mar de *pale ale*[3]. Um desses Guys estava abandonado nos degraus da *casa para alugar*.

Pus os meus óculos, em primeiro lugar, para ver se as crianças a quem pertencia o manequim se mostravam satisfeitas com os refrescos que Peggy tinha ido oferecer-lhes da minha parte, segundo o costume, e, depois, para ver se minha criada se aproximava daquele objeto ridículo, cheio de bombas e de foguetes, que poderiam estourar de um momento para o outro. Eis, pois, a razão por que, pela primeira vez em que os meus olhos se fixaram na *casa para alugar*, e eu a examinava descansadamente depois da minha instalação no meu novo domicílio, eu pus os meus óculos. É, de resto, "uma maneira de ver" de que eu poucas vezes faço uso, apenas uma vez em cinquenta, porque tenho a vista muito clara para a minha idade, e sirvo-me o mínimo possível de óculos, com medo de enfraquecer o meu campo de visão.

Eu já sabia, de antemão, que era uma casa de dez cômodos, muito suja e deteriorada pelo tempo; que as varandas e os ferros do alpendre estavam cheios de ferrugem e caíam aos pedaços; acrescentarei mesmo que faltavam já muitos varões de ferro e uma grande parte dos ornatos. Havia notado que alguns vidros tinham sido partidos e que nódoas de lama manchavam o verniz das portas, porque os garotos não se tinham privado deste passatempo destruidor. Tinha,

---

[2] A festa de 5 de novembro foi instituída para celebrar a descoberta da célebre Conspiração das Pólvoras, tramada por Guy Fowkes (Iorque, 13 de abril de 1570 - Londres, 31 de janeiro de 1606) e o partido papista, para fazer ir pelos ares o Parlamento. Passeiam-se nas ruas de Londres manequins representando os conspiradores. Depois, queimam-nos na praça pública. (Nota do tradutor.)

[3] Espécie de cerveja.

ainda, visto o interior do pequeno pátio cheio de pedras atiradas por todos os pequenos vagabundos do bairro, por divertimento e sem pensarem mal.

Deixei os meus olhos passear sobre o xadrez traçado a giz no pavimento em frente à *casa para alugar*, e sobre as figuras informes desenhadas a carvão na porta da rua. Notei, também, o exterior das janelas dessa habitação, fechadas por portas interiores ou estores de bambu; como também os escritos, que formavam os termos cabalísticos "Aluga-se", todos encarquilhados, de modo que se poderia acreditar que eles sofriam de contrações ocasionadas pela atmosfera úmida que vinha lá de dentro; havia outras tabuletas, todas apagadas e ilegíveis.

Tinha examinado tudo isto num relance de olhos, quando da minha primeira visita a Londres, e tinha mesmo observado a Trottle que a parte da inscrição em que se achavam indicadas as condições do aluguel estava quebrada, e não se sabia por que motivo. Tinha-lhe mostrado a pedra da soleira partida em dois pedaços.

E, apesar de tudo isto, eu não deixara de me sentar tranquilamente a uma mesa coberta de iguarias destinadas ao meu desjejum, desse memorável dia 5 de novembro, com os óculos no nariz, e olhava atentamente para aquela casa fantástica, como se a não tivesse visto antes.

De repente, a partir da janela da direita do primeiro andar, num canto, através de um buraco praticado numa persiana, ou num caixilho, sentia-me espiada por um *olho misterioso*.

Podia bem ser que o clarão da minha lareira tivesse passado sobre o *seu* raio visual e o tivesse feito brilhar, mas o que é certo é que ele tinha emitido um clarão e desaparecera.

O olho misterioso tinha-se ou não fixado em mim, quando eu estava sentada entre ele a luz que minha lareira irradiava?

Pode, amigo leitor, acreditar o que quiser, e isso sem nada me melindrar. Mas o que é certo é que me senti ferida em pleno peito, como se aquele olho tivesse um poder elétrico, cujo choque me fosse destinado.

Este incidente produziu um tal efeito na minha imaginação que me foi impossível ficar sozinha mais tempo. Toquei a campainha para chamar Flobbins e imaginei para ela uma ocupação qualquer, de modo a tê-la sempre junto a mim.

Bem depressa, a minha criada tirou à mesa e fiquei sentada no mesmo lugar, com meus óculos no seu posto, abanando a cabeça para a direita e para a esquerda, tentando reduzir de um ou de outro modo um raio de luz, quer com o auxílio de minha lareira, quer por um reflexo de vidro, reflexo que se assemelhasse a um olhar emanado do olho.

Todos os meus esforços foram debalde. Certos efeitos de ótica, certas linhas curvas, quebradas, passavam diante de minha vista. Distinguia de tempo em tempo, por uma fantasia de minha imaginação, uma janela confundindo-se com

outra. Mas o olho misterioso já não me olhava e, todavia, eu estava convencida de que não tinha visto aquele olhar insólito.

Por mais esforços que fizesse para afastar do meu pensamento a impressão produzida por aquele olho no meu espírito, não pude destruir a recordação, de forma que fiquei, por assim dizer, atormentada, sem poder dominar esse sentimento. Até então eu não tinha atentado na *casa para alugar* que se erguia diante da minha janela. Mas, depois de ter visto aquele olho, foi-me impossível deixar de pensar naquela vizinhança. Não pensava senão naquela casa, vigiava-a, falava dela a propósito de nada, via-a constantemente, mesmo que não olhasse para lá.

Compreendo agora que havia em tudo isto a mão da Providência e o amigo leitor pode julgar se digo a verdade pela narrativa que se segue.

O meu senhorio era um mordomo, que tinha casado com uma cozinheira, e tinham ambos resolvido abrir uma hospedaria. Havia dois anos que viviam assim e não sabiam mais do que eu acerca da *Casa Misteriosa*, e nem os meus fornecedores, nem a gente da vizinhança nada me pôde informar. Trottle tinha-me dito a mesma coisa e, mesmo, mais do que eles. A casa desabitada estava naquele estado de abandono há seis anos, nos dizer de uns, há oito ou dez anos, no dizer de outros. O que era certo — asseguravam todos os que eu interrogava — é que ela não fora alugada e nunca o seria.

Não tardei a convencer-me que iria pôr-me em "todos os meus estados" por causa daquela casa e efetivamente isto aconteceu. Tive, durante um mês inteiro, espasmos nervosos que iam de mal a pior. As receitas do meu médico Towers, que eu tinha trazido comigo para Londres, não me davam nenhum alívio. Quer o sol brilhasse num belo dia de inverno, quer o nevoeiro escurecesse a luz, ou mesmo a chuva caísse negra como a lama, não perdia de vista a *Casa Misteriosa.* Tinha, como toda a gente, ouvido falar de uma casa onde apareciam almas do outro mundo, mas tive ocasião de experimentar o que é uma alma — a minha — obsidiada por uma casa. E, efetivamente, a casa defronte tinha tomado posse do meu pensamento e ocupava todos os meus instantes.

Durante todo esse mês, não vi entrar nem sair ninguém da *Casa Misteriosa*. Tratei de averiguar se algum indivíduo lá entrava clandestinamente, sumindo-se na escuridão da noite ou do crepúsculo. Mas nunca vi ninguém. Não senti mesmo nenhum alívio mandando correr hermeticamente as cortinas mal caía a noite, e verificando eu mesma se as portas estavam fechadas a chave. O olho misterioso refulgia, então, na minha lareira.

Sou uma mulher solteira e idosa, e digo isto francamente, sem me aterrorizar com as consequências que essa confissão possa ter. Sou uma solteirona. Outrora, amei como toda gente, nos meus tempos de mocidade, mas

isso foi há muito tempo. Aquele com quem eu sonhava morreu no mar (que o bom Deus tenha a sua alma em descanso!), quando eu tinha vinte e cinco anos.

Amei sempre as crianças de todo o meu coração, e esta afeição era tão grande que me julguei culpada de alguma falta pela qual Deus me punia, já que fui desviada do reto caminho por não ter sido, com orgulho, mãe de muitos belos filhos que, a esta hora da minha vida, já me teriam feito avó.

A bem dizer, consolei-me graças à serenidade e ao contentamento interior que Deus me concedeu na sua misericórdia, e não lhe regateio os meus louvores por isso. E, no entanto, mesmo na minha idade, preciso enxugar os olhos quando penso nesse corajoso, nesse belo, nesse excelente Charley, e na felicidade que sentimos em viver juntos.

Charley era meu irmão mais novo e partiu para as Índias. Ali, casou-se e mandou-me um dia a sua delicada e pequena mulher, que vinha ter o seu parto na Europa. A mulher de meu irmão devia, depois disso, voltar para junto dele, deixando-me o seu filho para que eu tratasse de sua educação. Essa pobre criatura não veio ao mundo com vida. Esse foi um dos tristes incidentes da minha existência que poderiam ter sido felizes e que, no entanto, não foram.

Quando depositaram o pequenino em minhas mãos, mal tive tempo de pronunciar ao ouvido de sua mãe estas palavras terríveis:

— Nasceu morto, minha querida amiga.

Ela me respondeu apenas com estas palavras:

— És pó e em pó te tornarás! Oh, dê-me meu filho nos braços e trate de consolar Charley!

E expirou para juntar-se ao Salvador dos homens e a ele confiar a alma de seu filho.

Fui ter com o meu irmão e disse-lhe que tinha só a mim no mundo! Vivi assim com Charley, durante muitos anos, nas Índias.

Quando Charley morreu, tinha ele cinquenta anos já feitos: foi nos meus braços que ele deu a alma ao criador. O seu rosto radioso tinha mudado a tal ponto que parecia envelhecido e um tanto severo. Mas aquela expressão foi pouco a pouco tornando-se suave quando me inclinei sobre ele para chorar e rezar ao seu lado. E quando eu o contemplei no seu caixão pela última vez, reconheci nele o meu Charley de outrora, o muito amado, despreocupado, belo e elegante dos tempos passados.

Ia, amigos, contar-lhes como a solidão da *Casa Misteriosa* tinha, certa noite, reavivado todos esses pensamentos na minha memória e reaberto no meu coração uma chaga fechada, quando Flobbins, abrindo a porta, me disse, como se tivesse querido rir, e voltando em sinal de respeito:

— O Sr. Jabez Jarber, minha senhora.

E, sem mais preâmbulo, o Sr. Jarber entrou, a saltitar ridiculamente, exclamando:

— Sophonisba!

Aqui, devo confessar que este é o meu nome, e este nome ia-me muito bem na época em que me batizaram. Mas, na minha idade, é mais que fora de moda, para não dizer empolado esse absurdo, quando pronunciado pelos lábios do Sr. Jarber.

Não é preciso dizer que repliquei numa voz agridoce:

— Bem, já sei que me chamo Sophonisba, mas não é preciso pronunciá-lo. Ah!

Como que para se desculpar, esse ridículo personagem levou à boca a ponta dos cinco dedos da minha mão direita, repetindo de uma maneira agravante o meu nome próprio, em cuja terceira sílaba carregava com prazer:

— Sophonisba!

Em minha casa não uso candeeiro, porque o cheiro do querosene me é desagradável, e as velas de cera eram coisa próprias da minha época. Devo, pois, esperar que se compreenderá que, estando a vela colocada num castiçal por trás de mim, não vi o que Jarber ia fazer, e pude apenas ameaçá-lo de lhe pisar os pés, se ele recomeçasse aquela *mímica*.

Acrescentarei, de passagem, que sabia muito bem, ao dizer-lhe isto, que nada era mais sensível nele que os seus dedos dos pés. E, realmente, na idade de Jarber e na minha, esses são uma parte muito sensível do corpo. Lembro-me, ainda, de uma orquestra, cujos sons se apagaram há muito tempo no espaço de Tunbridge Wells, e a cujo compasso, diante de inúmera e acolhida assembleia, eu tinha arriscado um minueto com o mestre Jarber... Mas há na mesma terra uma casa ainda de pé, onde morei usando ainda roupas infantis. Foi ali que arranquei um dente com o auxílio de um fio solidamente amarrado à aldraba da porta, e isso graças a uma violenta sacudidela. Mas, hoje, deveria servir-me de uma porta para substituir o dentista, ou usar ainda o barbeiro?

Sem ir mais longe, direi que o mestre Jarber sempre foi mais ou menos absurdo nas suas maneiras. O seu modo de trajar era elegante e perfumava-se com um buquê de verbenas e de rosas. Muitas moças teriam dado tudo para serem amadas por ele. Mas, devo acrescentar que o tolo se importava tanto com elas quanto com um cachimbo, o que significava que as suas esperanças ficavam sem resultado, porque ele sentia por mim um afeto constante.

Ele não apenas oferecera-se a casar-se comigo, antes que o meu amor se transformasse num pesar, como ainda renovara o seu pedido posteriormente, e com diferentes intervalos sucessivos, frequentemente repetidos. De resto, que essas propostas tivessem sido mais ou menos numerosas, que me importa? Direi só que a última vez que ele me fez o gracioso oferecimento da sua mão foi depois

de ter-me dado uma pastilha digestiva, na ponta de um alfinete. Comecei a rir com todas as minhas forças, algo que ninguém teria deixado de fazer em semelhante circunstância.

— Vamos, vamos, Jarber! — disse-lhe. — Se o senhor não reflete que nós, casando-nos, perfaríamos cento e cinquenta anos, dou-me ao trabalho de pensar. Parece-me que preciso digerir esta asneira como vou digerir esta partilha.

E, dizendo-lhe isto, engoli o bombom.

— Fica, então, combinado. Não falemos mais nisso — concluí.

A partir de então, Jarber comportou-se muito bem, mas o seu caráter e os seus hábitos não mudaram. Compassado, esticado no terno, apertado nos coletes pontiagudos, possuidor de um pequeno par de pernas e uma vozinha aguda, amaneirado e minucioso ao último ponto: tal é o seu retrato.

Jarber dedicou-se sempre a levar e trazer recadinhos das pessoas de sua relação e falar da vida alheia. Quando o meu velho admirador me chamava por esse nome de amizade — Sophonisba —, ele morava numa casa mobiliada à moda antiga e a poucos metros distante do meu lar.

Havia dois ou três anos que não o via, mas tinham-me dito que, segundo o seu costume, passeava muitas vezes em Saint James Street, a fim ver as pessoas da corte que vão para o palácio. Servia-se para isto de um binóculo e subia num marco ou nas escadas das casas. Dali, esse pobre enamorado doutra idade, com os ombros cobertos por um manto curto e os pés preservados da umidade por galochas, ia até Willi's Rooms assistir à entrada para o elegante baile de Almack. Não é preciso dizer que, para gozar deste espetáculo, apanhou constipações terríveis, e quase se fazia esmagar pelos cocheiros. O certo é que voltava para casa todo contuso e que a sua hospedeira, uma boa mulher, se via obrigada a tratá-lo por um mês, até que estivesse restabelecido.

Jarber sentou-se numa cadeira à minha frente, depois de desembaraçar-se de um cachecol de peles, conservando nas mãos apenas o chapéu e uma bengala.

— Vamos, acabe lá com as suas "Sophonisbas", Jarber! — disse-lhe. — Chame-me de Sarah. Como vai a sua saúde? Parece-me que bem, não é verdade?

— Felizmente, agora passo bem. Obrigado pelo seu interesse. E a senhora, como tem passado? — perguntou Jarber.

— Tão bem como pode passar uma mulher da minha idade.

Jarber começava já uma frase elegante ("*Oh, não me diga que é velha, Sophon...*"), quando os meus olhos se fitaram no castiçal e ele fechou os lábios como se tivesse acabado o que queria dizer.

— Mas eu sou inválida — continuei — e o senhor também. Agradeçamos a Deus por não termos enfermidades mais difíceis de suportar.

— Parece-me, efetivamente, que a senhora está preocupada — acrescentou Jarber.

— É bem possível... Bem, estou, sim, sem nenhuma dúvida.

— Qual é a causa da preocupação da minha Sophon... da minha eterna amiga? — perguntou ele.

— Oh, alguma coisa bastante difícil de compreender... Trata-se da *Casa Misteriosa* que está ali, defronte das minhas janelas, do outro lado da rua.

Jarber ergueu-se nas pontas dos pés e caminhou assim para a janela, cuja cortina levantou. Depois de ter examinado demoradamente a casa de que eu lhe falava, voltou-se para mim com um ar interrogador.

— Sim — disse eu —, é isso que me preocupa.

Jarber olhou outra vez para a casa indicada, depois voltou — sempre nas pontas dos pés —, ocupou o seu lugar, e perguntou-me com um ar afetuoso:

— Por que razão aquela casa a preocupa, S...arah?

— Oh, é mistério! — respondi. — Verdade é que, para mim, toda casa desconhecida é mais ou menos misteriosa. Mas, por causa de certo fato que... não quero contar — acrescentei, não querendo falar do olho misterioso, porque teria de mencionar essa louca visão —, aquela vivenda parece-me mais misteriosa que qualquer outra, e a minha imaginação corre de tal maneira no espaço que há dois dias não me sinto viver. Tenho medo de não ter dominado este terror até segunda-feira, quando Trottle chegar.

Já deveria ter contado que entre Trottle e Jarber havia uma ponta de ciúme que não cessava de fermentar, e que não gostavam um do outro, e jamais tinham trocado entre si uma palavra de delicadeza.

— Trottle! — exclamou Jarber petulantemente, fazendo girar a bengala que trazia na mão. — Como é que Trottle pode dominar o terror da minha S...arah?

— Oh, muito simplesmente tomando informações sobre aquela *Casa Misterios*a. Cheguei a tal ponto de excitação que preciso, seja de que maneira for, boa ou má, permitida ou proibida, saber por que é que ninguém a aluga.

— E por que se dirige a Trottle? Por que — disse o meu admirador, apertando o chapéu de encontro ao coração — não confiaria esse cuidado a seu amigo Jarber?

— Para falar com franqueza, nunca tinha pensado em você, Jarber. Mas, visto que se oferece e que tem a bondade de querer tomar parte neste capricho... direi a você, meu caro, que, bem que lhe agradeça a atenção, não o julgo capaz de chegar ao resultado desejado.

— S...arah!

— Sim, parece-me que é trabalho superior às suas forças.

— S...arah!

— Porque será necessário ir e vir, fazer isto e aquilo, Jarber, e você poderia apanhar uma constipação maior.

— S...arah! Sarah! O que Trottle pode fazer, eu também posso. Conheço quase toda a gente neste bairro. As pessoas respeitáveis, entenda-se. Tenho amigos íntimos na biblioteca do bairro. Converso frequentemente com o coletor fiscal. Moro na mesma casa do inspetor das águas e tenho relações com o médico. Passo as minhas tardes junto aos agentes imobiliários. Janto muitas vezes com o tesoureiro das igrejas e passeio com os vigias do nosso bairro. E você prefere Trottle, um criado, um lacaio, um pária da sociedade!

— Não se exalte, Jarber. Mencionado Trottle, fiava-me no meu braço direito. Mencionava uma criatura que se multiplicaria para satisfazer o menor capricho da sua ama, mas se o senhor chegar a descobrir algum indício por meio do qual eu possa erguer o véu da *Casa Misteriosa*, eu lhe agradecerei tanto como se nunca houvesse existido um Trottle na Terra.

A estas palavras, Jarber levantou-se, pôs a sua capa sobre os ombros, atacou os dois fechos que representavam cabeças de leão de cobre dourado.

— S...arah! — disse. — Vou-me embora. Voltarei na segunda-feira, às seis horas da tarde, se quiser oferecer-me uma xícara de chá... que não seja verde. *Adieu*!

Era então 2 de dezembro[4], quinta-feira.

Refleti, quando Jarber fechou a porta, que Trottle estava também de volta na segunda-feira, e fiquei um pouco inquieta, pensando nas dificuldades que teria de impedir aquelas duas criaturas de declarar uma guerra mútua e sem tréguas. Confessarei, de passagem, que não pude deixar de ficar muito contrariada por isto. Mas, no dia seguinte de manhã, a vista da *Casa Misteriosa* expulsou este pensamento com muitos outros: senti-me um pouco preocupada na sexta-feira e no sábado, sempre pela mesma causa.

A chuva não cessou de cair todo o dia de domingo e, o que é mais, o vento assoviava medonhamente. À tarde, quando os sinos das igrejas chamavam os fiéis à oração, pareceu-me que os seus sons se confundiam com o ruído da tempestade e espalhavam por toda parte uma horrível tristeza, na rua e sobre a *Casa Misteriosa,* que me pareceu ainda mais sombria que de costume.

Eu lia o meu livro de orações à luz da vela. A lareira lançava uma viva claridade sobre os vidros da minha janela enegrecida pela noite exterior, quando, de repente, erguendo os olhos para implorar a misericórdia divina para as viúvas, os filhos sem pais, para todos os que sofriam e choravam, vi o olho misterioso.

---

[4] Consultando-se o calendário, verifica-se que a história se passa no próprio ano em que foi publicada: 1858.

Não me enganava: aquele olho apareceu e desapareceu, mas desta vez fiquei intimamente convencida de tê-lo visto bem.

Não é preciso dizer que passei uma noite terrível, noite de insônia e de angústias. Logo que fechava os olhos, via aquele olho, ou antes aqueles olhos, porque eles multiplicavam-se diante mim.

Na segunda-feira, de manhã, a uma hora indevida, impossível — graças a essa maldita estrada de ferro —, Trottle entrou em casa. Logo que me deu informações precisas sobre Tunbridge Wells, falei-lhe da *Casa Misteriosa*. Escutou, naturalmente, com o maior interesse e mais profunda atenção, o que lhe contei. Mas logo que pronunciei o nome de Jabez Jarber, mudou completamente e incorporou um aspecto frio.

— Agora, Trottle — acrescentei, sem querer notar aqueles modos —, quando o Sr. Jarber vier esta tarde, faremos um conselho todos três.

— Oh, parece-me inútil que eu assista minha senhora! — replicou o meu criado. — A cabeça do Sr. Jarber é mais hábil que a minha.

Eu estava resolvida a não me importar com aqueles propósitos intencionais e significativos. Assim, repeti as minhas palavras dizendo que formaríamos um conselho todos os três.

— Obedecerei às suas ordens, quaisquer que elas sejam, minha senhora. Mas o que é certo é que o Sr. Jarber não tem rival no mundo para dar um conselho excelente e ninguém o sobrepuja neste ponto e em muitos outros.

Isto era uma provocação. E os modos do meu criado, durante o dia todo, quando entrava e saía na sala em que eu estava, ou quando me deixava para ir cumprir as minhas ordens, fingindo não notar a *Casa Misteriosa*, desesperava-me ainda mais. Mas como estava bem decidida a não dar atenção àquela casmurrice, não deixei mesmo Trottle adivinhar que eu percebia os seus trejeitos.

À tarde, quando o meu fiel criado introduziu Jarber — que se recusou a deixar tirar a sua capa e a entregar a bengala, cuja ponteira volteava sobre os móveis, por cima de minhas quinquilharias, e mesmo ameaçava o seu olho, enquanto ele se esforçava por desabotoar a corrente dos seus dois leões (coisa que lhe foi impossível de fazer depois de grandes esforços) —, eu sentia uma tal cólera que os teria de bom grado atirado um contra o outro, Trottle e ele.

Mas reprimi qualquer movimento de impaciência e contentei-me em encher a chaleira de *souchong*[5] e preparar a bebida predileta de meu velho apaixonado.

[5] Chá preto produzido na China.

Jarber tirou um rolo de papéis sob a capa e, com um gesto semelhante ao do espectro do pai de Hamlet aparecendo ao falecido Sr. Kemble[6], indicou com o rolo a casa exterior e pousou-o sobre a mesa.

— Sim! É a primeira das descobertas — respondeu Jarber. — A história de um dos inquilinos da casa vizinha, que obtive interrogando o inspetor das águas e o médico.

— Não se afaste, Trottle — eu disse em voz alta, vendo o meu criado dirigir-se misteriosamente para a porta.

— Mil perdões, minha senhora, mas receio incomodar o Sr. Jarber.

Jarber pareceu ser da mesma opinião. Contive-me e contentei-me a teimar com força, pois estava resolvida a não prestar atenção aos trejeitos de meu criado.

— Sente-se, Trottle — ordenei. — Desejo que ouça o que o Sr. Jarber vai ler.

Trottle inclinou-se com uma certa frieza e foi instalar-se na cadeira mais distante de mim no salão. Pôs-se, no entanto, ao abrigo de uma corrente de ar que passava através do buraco da fechadura.

— Primeiro que tudo — Jarber começou, depois de ter tomado um gole de chá —, que diria minha Sophon?...

— Continue! — exclamei.

— Que diria e qual não seria o seu espanto se lhe dissesse que aquela *Casa Misteriosa* pertence a um de seus parentes?

— Ficaria certamente muito espantada.

— Pois é verdade. Aquela casa pertence ao seu primo que, seja dito de passagem, está doente. Ao que me disseram, pertence a George Forley.

— Ah! Eis uma má notícia para se começar. Sim, George Forley é meu primo em segundo grau, mas temos as relações cortadas. George Forley mostrou-se pai desnaturado, cruel, implacável, mesmo para uma infeliz criança que já não é deste mundo. George Forley tratou com uma rigidez despótica uma das suas filhas, que tinha feito um casamento por amor. George Forley fez sentir o peso da sua cólera de um modo verdadeiramente terrível a essa querida criatura, e isso para favorecer, com todo o seu poder, a sua outra filha, ricamente dotada e muito bem casada! Ouso crer que o bom Deus não medirá a sua justiça a meu primo tão injustamente como ele a media, ele, aos seus filhos. Nada mais desejo ao meu parente George Forley.

Pronunciei estas palavras com uma certa firmeza, sem procurar conter as lágrimas que corriam dos meus olhos. Porque a história daquela moça era

[6] John Philip Kemble (1757 – 1823), ator inglês, intérprete de diversos personagens shakespearianos.

realmente muito lamentável, e a sua desgraçada sorte tinha comovido muitas vezes o meu coração.

— Visto que essa casa pertence a George Forley — acrescentei —, não me admiro que esteja maldita ou pelo menos tocada pelo dedo da fatalidade. Trata-se de George Forley os papéis que me traz? — perguntei a Jarber.

— Não, de maneira nenhuma.

— Ah, tanto melhor! Vamos, leia-me isso. Trottle, por que não se aproxima? Por que se retirou para as regiões árticas do meu aposento? Chegue-se para cá!

— Muito obrigado, minha senhora. Estou até perto demais do Sr. Jarber.

Jarber arranjou a sua cadeira de modo a voltar completamente as costas ao meu fiel criado. Depois começou a sua leitura, atirando as suas palavras por cima dos ombros, como para se dirigir a Trottle.

Eis o que nos leu o meu velho admirador:

O CASAMENTO DE MANCHESTER — Elisabeth Gaskell

O Sr. e a Sra. Openshaw chegaram um dia de Manchester a Londres e se instalaram na *Casa Misteriosa*.

O novo inquilino era o que se chama em Lancashire de o representante de produtos de uma rica companhia manufatureira, cujos diretores queriam estender as suas relações comerciais e abrir em Londres um armazém das suas mercadorias. O Sr. Openshaw tinha sido comissionado por eles para esta nova operação e esta mudança de residência tinha-lhe sido muito agradável. Por um lado, desejava muito conhecer Londres, onde tinha estado apenas de passagem, e, por outro, desejava saber realmente se os habitantes da capital eram o que ele tinha imaginado: pessoas levianas e de uma preguiça extraordinária.

O Sr. Openshaw pensava que os londrinos, além de arruinarem a língua inglesa, não se ocupavam senão com modas e com coisas da aristocracia, com passeios a Boud Street e outros lugares do mesmo gênero, sem contar que seu único fim era enganar a honestidade, e a sua ocupação desprezar os provincianos, em cujo número ele se contava.

Mostrava-se muito escandalizado de ver que tempo os empresários da cidade consagravam a seus negócios, porque estava acostumado aos jantares servidos cedo, em família, em casa dos seus colegas de Manchester e, por consequência, às compridas noites.

Apesar de todas essas prevenções, o Sr. Openshaw regozijava-se de morar em Londres. E, todavia, por nada deste mundo teria confessado isto a ninguém, nem mesmo a ele próprio. Falava a seus amigos desta decisão como de uma ordem que lhe tinha sido dada pelo seu chefe, ordem pouco agradável, mas que tinha sido compensada por um razoável aumento no seu ordenado. Digamos, desde já, que os honorários que lhe tinham dado eram tão liberais que ele teria podido instalar-se numa casa mais vasta que aquela que tinha escolhido para domicílio. Mas julgara do seu dever dar uma lição aos habitantes de Londres e mostrar-lhes que fazia pouco caso do luxo e da ostentação.

Para dizer a verdade, o interior da casa estava confortavelmente mobiliado, e no inverno o dono da casa mandava acender todas as lareiras, por mais branda que fosse a temperatura. Mais ainda: os seus hábitos nortistas de hospitalidade eram tais que, quando recebia uma visita em sua casa, esta não tinha o direito de ir embora sem se ter sentado à sua mesa e beber e comer. Os criados não só andavam bem vestidos e bem calçados, como estavam sempre bem alimentados e trajados com grande consideração, porque o seu amo importava-se pouco com

essas pequenas economias que não trazem nenhum conforto no seio das famílias. E comprazia-se em não mudar os seus hábitos e as suas maneiras, rindo do que os seus novos vizinhos pudessem pensar.

A mulher do Sr. Openshaw era bonita e gentil, e tinha a idade e o caráter adequados. Tinha ela trinta e cinco anos, enquanto ele, quarenta e dois. Ele era alto e decidido; ela, suave e obediente.

Este casal tinha dois filhos, ou, antes, ela os tinha, porque a mais velha, uma menina de doze anos, era do seu primeiro casamento com o Sr. Frank Wilson. O segundo filho, um menino, tinha nascido do segundo matrimônio. Chamava-se Edwin, tinha dois anos e começara a falar. O pai comprazia-se em falar com ele no mais claro e inteligível dialeto de Lancashire, para que o menino não perdesse o que o pai considerava o autêntico sotaque saxão.

A Sra. Openshaw chamava-se Alice, e ela e o seu primeiro marido eram primos carnais. Ela era órfã, sobrinha de um capitão de navios de Liverpool. O seu aspecto exterior era o de uma pessoa grave, dotada de grande atrativo pessoal quando tinha quinze ou dezesseis anos, de feições regulares e uma tez fresca. Alice tinha, no entanto, um defeito: o de ser extremamente tímida. Julgava-se, mesmo, por causa disto, estúpida e ridícula. Esse defeito valia-lhe censuras frequentes de sua tia, a segunda mulher de seu tio. Assim, quando o seu primo Frank Wilson regressou de uma longa viagem por mar, e se mostrou muito galante e depois afetuoso para ela, e por fim muito apaixonado, a pobre pequena não soube como exprimir-lhe toda a gratidão.

Teria preferido vê-lo ficar em certos limites da afeição, porque a impetuosidade de seu amor apavorava-a. O romance ia tomando forma aos olhos do tio, mas este não se opunha ou favorecia aquela união. Quanto à madrasta de Frank, era ela dotada de um caráter tão volúvel que não havia meio de saber se o que lhe agradava hoje lhe seria aprazível amanhã.

Por fim, aquela mulher de temperamento instável tornou-se tão exigente e mostrou-se tão severa para Alice que a pobre moça não pensou mais senão em seguir, com os olhos fechados, o único caminho aberto diante dela para escapar àquela tirania doméstica, e casar com seu primo. De resto, ela amava-o mais que ninguém no mundo, excetuando-se seu tio, que andava então ausente em seu navio.

Uma bela manhã, Alice fugiu de casa de seus tios e, acompanhada unicamente pela criada de quarto de sua tia, que lhe serviu de madrinha, casou com Frank Wilson.

As consequências desta união clandestina foram estas: a madrasta dos dois noivos recusou-se a vê-los e recebê-los, e apressou-se em despedir Norah, a sua sensível criada. Nesta conjuntura, Alice e Frank foram morar numa pensão e tomaram Norah a seu serviço.

Quando o capitão Wilson regressou de sua viagem, mostrou-se muito afetuoso para sua sobrinha e seu filho, e foi muitas vezes passar a noite com eles no novo lar. Ali, pelo menos, ele podia, sem ser incomodado, fumar seu cachimbo e saborear a curtos goles o seu copo de grogue[7]. Deu unicamente a entender a seus filhos que lhe era impossível recebê-los em casa, para não perturbar a paz de seu lar, porque a sua mulher criava-lhes raiva. Não é preciso dizer que este ódio não os preocupava em nada.

O que se tornava mais inquietante para a felicidade futura do casal era o caráter violento e arrebatado de Frank Wilson, que começou pouco a pouco a achar que a timidez de sua mulher e a sua abstenção de demonstrações amorosas eram outras tantas faltas nos deveres de uma esposa para com um marido. Já se inquietava e a inquietava com a apreensão de acontecimentos imprevistos que poderiam sobrevir, quando ele estivesse ausente na próxima viagem do mar. Um dia, foi visitar seu pai e suplicou-lhe que arranjasse as coisas de maneira que a sua mulher fosse de novo recebida em sua casa, depois de sua partida. Fez mesmo valer a necessidade dos cuidados reclamados por Alice para o seu parto, que aconteceria em sua ausência.

O capitão Wilson não quis, a princípio, decidir-se porque, como ele dizia, tinha medo de uma cena em sua casa. Mas, por fim, cedeu aos desejos de seu filho, julgando que este tinha razão, e falou com a mulher a respeito.

Frank, antes de sua partida, teve a satisfação de ver Alice instalada na antiga mansarda que ocupava quando solteira, porque a Sra. Wilson não era bastante graciosa à vontade de seu marido para ter dado à sobrinha um dos quartos desocupados da casa. O pior, em tudo isso, foi que Norah foi despedida. O lugar da criada de quarto tinha sido preenchido por outra e, mesmo que assim não fosse, a senhora havia perdido para sempre a confiança que tinha.

A boa criatura — Norah —, em vez de se lamentar, consolou o seu amo e sua ama, predizendo-lhes, num futuro próximo, uma época feliz, em que teriam uma casa própria, onde haveria então um lugar para ela se dedicar completamente a seu serviço.

---

[7] Bebida alcoólica feita à base de rum, água e açúcar.